

# O silenciamento da Beata Maria de Araújo na construção de sentidos em torno do milagre da hóstia em Juazeiro do Norte - CE

Geovane Gesteira Sales Torres<sup>1</sup>  
Bárbara Almeida Oliveira<sup>2</sup>  
Maria Laís dos Santos Leite<sup>3</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como tema a construção de sentidos conferidos à Beata Maria de Araújo na atualidade, em virtude do seu protagonismo no “milagre da hóstia” em Juazeiro do Norte-CE, no ano de 1889. Objetiva-se analisar as práticas discursivas expressas em leis e notícias jornalísticas acerca da Beata Maria de Araújo no contexto atual de Juazeiro do Norte-CE; e identificar de que modo os marcadores sociais da diferença operaram para o apagamento dessa personagem na memória e historiografia do território. Para essa finalidade, adota-se uma revisão narrativa da literatura pertinente ao campo de estudos da história social, além de análises em documentos de domínio público (legislações municipais e estaduais, além de textos jornalísticos) concernentes à religiosa. Os dados revelam que embora sejam consideráveis os avanços históricos em torno da edificação de uma memória social que reconheça o protagonismo da religiosa na construção histórica e mística de Juazeiro do Norte, os locais simbólicos ocupados por ela ainda estão em planos secundários. Isso é um produto histórico advindo da atuação de agentes como a Igreja Católica que silenciou, em vida e após a morte, a religiosa em questão. Entende-se que isso se deu, especialmente, pelo cruzamento de opressões vivenciadas pela beata em virtude dos marcadores sociais da diferença gênero, raça e classe.

Palavras-Chave: Gênero; Religião; Catolicismo popular; Santos populares; Marcadores sociais da diferença.

## 1. Introdução

A região do Cariri cearense, onde se localiza Juazeiro do Norte - CE, está situada geograficamente ao sul do estado do Ceará, nordeste brasileiro, em uma área limítrofe com os estados de Pernambuco e Paraíba. Esse território abrange grande parcela da Chapada do Araripe e é o berço do povo originário Kariri, o qual atualmente tem a sua comunidade localizada na zona rural do município de Crato-CE. O Cariri foi palco de importantes acontecimentos históricos, tal como as articulações políticas em prol da Revolução Pernambucana de 1817, a sedição de Juazeiro do Norte em 1914 e a experiência da comunidade messiânica do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto entre 1928 e 1937.

Com ricas manifestações culturais como os grupos de tradição, o Cariri, também, é marcado por diversos fenômenos religiosos, como as romarias católicas e devocionismos aos chamados “santos populares”. Além da mártir Benigna Cardoso (Santana do Cariri/CE), cuja beatificação foi concedida pela Santa Sé em 2022, a devoção às pessoas mortas, sem

<sup>1</sup>Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí; Brasil; geovanegesteira.profissional@gmail.com.

<sup>2</sup>Mestra em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Brasil; barbaralmeidaoliveira@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Residência Pós-Doutoral (em andamento) no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Brasil; mlaisleite@gmail.com.

reconhecimento canônico, é uma tendência neste território, a julgar pela histórica veneração ao Padre Cícero e à Beata Maria de Araújo (Juazeiro do Norte/CE), mas também a ícones como Maria Caboré (Crato/CE), mártir Francisca (Aurora/CE) e Dr. Gesteira (Crato/CE).

Diante do exposto, este artigo incorpora como tema a construção de sentidos conferidos à Beata Maria de Araújo na atualidade, em virtude do seu protagonismo no “milagre da hóstia” em Juazeiro do Norte-CE, no ano de 1889. Estudos antecedentes apontam para a importância do reconhecimento da Beata Maria de Araújo para a construção histórica e religiosa de Juazeiro do Norte, apesar do seu sistemático silenciamento (DINIZ, 2021; ESTRELA, 2016; PAZ, OLINDA, 2019; TOLOVI, SOARES, SOUZA, 2017), mas, também destacam a defasagem de abordagens sobre marcadores sociais da diferença, como gênero, nas investigações sobre a religiosa (DINIZ, 2021; OLINDA, CORDEIRO, 2018; PEREIRA, 2017).

Pelo paradigma epistemológico interseccional, compreende-se os marcadores sociais da diferença como os geradores de posicionamentos e desigualdades sociais em virtude de questões fenotípicas, econômicas e socioculturais. Apesar da existência de distintos marcadores sociais da diferença, a literatura internacional sobre o tema elege a tríade classe, gênero e raça como primordial (HENNING, 2015). Isso se mostra fundamental à análise histórica e atual da sociedade brasileira porque consoante Gonzalez (1984, p. 224), “[...] o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”. É nesse direcionamento que Gonzalez (1984, p. 255) destaca que a população negra foi e persiste sendo levada à “lata de lixo” da sociedade brasileira.

Apesar dos ocultamentos gerados pelo mito da democracia racial e representados na histórica oficial e na construção da memória nacional, o pensamento negro brasileiro vem denunciando o racismo estrutural presente neste país (Cf. ALMEIDA, 2019). Considerando os variados marcadores sociais da diferença, Gonzalez (1984, p. 224) acentua que a articulação do racismo “[...] com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”. Notoriamente isso não se restringe ao Brasil, pois é um produto da escravidão, basta considerar que, segundo Davis (2016), a exploração do trabalho escravo nos EUA se balisava fundamentalmente pelo emprego dos marcadores sociais da diferença raça e gênero no que se refere à ratificação da dominação senhor(a)/escravizado(a).

Logo, compreender as condições das mulheres negras no contexto posterior à escravidão exige contemplar os resquícios desse período histórico. Se as mulheres negras escravizadas ora eram exploradas e punidas em virtude do marcador racial que as inferiorizava no sistema escravista, ora estavam passíveis de violações e imposições de

“funções naturais” (reprodução/maternidade) em virtude do marcador gênero/sexo biológico (DAVIS, 2016). Tal fato não possibilita dissociar essas experiências corporificadas, pois ser mulher negra escravizada reunia opressões interseccionalmente.

Gonzalez (1984) retoma esse histórico para compreender as condições hodiernas que afligem a mulher negra no Brasil, pois:

[...] é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). (GONZALEZ, 1984, p. 231).

Considerando o exposto, ao decorrer do desenvolvimento histórico do Brasil, incluindo-se a contemporaneidade, a população negra e, em especial, mulheres negras estão mais expostas a condições politicamente induzidas de precariedade (Cf. BUTLER, 2018) porque reúnem marcadores sociais da diferença responsáveis pela geração de opressões e desigualdades. Diante disso, é mister frisar que de acordo com Moutinho (2014, p. 215-216), “[...] os principais marcadores são gênero, sexualidade, raça (seguidos na articulação com classe, erotismo, geração, território e, muito mais recentemente, deficiência)”.

Destarte, o catolicismo popular sertanejo, presente de forma pujante em Juazeiro do Norte - CE, tem a sua gênese histórica com o processo de apropriação territorial pela colonização portuguesa. Logo, o direito à terra só seria concedido aos vinculados à religião oficial do Estado, isto é, a católica. Diante disso, com o processo de conquista dos sertões da caatinga para a criação de gado, as missões religiosas e aldeamentos impuseram símbolos, ritos e cosmovisões cristãs, as quais, com o passar do tempo, foram ressignificadas com base em sistemas culturais indígenas e africanos (OLIVEIRA, 2021).

Parte-se da hipótese que a produção de sentidos sobre a Beata Maria de Araújo ainda é imbuída pela demanda de atenção pública e por regulações de gênero que colocam essa religiosa em um papel secundário em relação ao milagre da hóstia. Assim, os objetivos desse estudo são: 1. Analisar as práticas discursivas expressas em leis e notícias de jornal acerca da Beata Maria de Araújo no contexto atual de Juazeiro do Norte-CE; 2. Identificar de que modo os marcadores sociais da diferença operaram para o apagamento dessa personagem na memória e historiografia do território. Para essa finalidade, adota-se uma revisão narrativa da literatura pertinente ao campo de estudos da história social, além de análises em documentos de domínio público (legislações subnacionais e textos jornalísticos) concernentes à religiosa.

A revisão narrativa (ROTHER, 2007) aqui delineada trata sobre abordagens sociais, históricas e políticas em torno da representação da Beata Maria de Araújo no espaço urbano e na construção da memória cultural. Enquanto protagonista central do fenômeno conhecido como “milagre da hóstia”, o caso em estudo nos permite visualizar como o contexto sociopolítico (coronelismos, patriarcalismo) em que se delineiam os fenômenos de Juazeiro do Norte, conjugado ao acúmulo de opressões vivenciadas pela religiosa tratada, são elementos decisivos para compreender a histórica invisibilização e silenciamento da Beata no processo de constituição da imagem e memória do território como sagrado.

A legislação municipal e estadual foi consultada pelo termo de busca: “Beata Maria de Araújo”, nos portais da Câmara Municipal de Vereadores de Juazeiro do Norte e da Assembleia Legislativa do Ceará. Já as matérias jornalísticas foram acessadas e selecionadas nos portais eletrônicos dos jornais Diário do Nordeste e O Povo. Tais consultas se deram no período de abril a maio de 2023. Esses registros (leis e matérias jornalísticas) são compreendidos como documentos de domínio público que podem assumir feição histórica, permitindo circunscrever questões culturalmente datadas, bem como enunciar os jogos de poder em disputa em dada configuração social, tornando-os potentes formas de práticas discursivas (SPINK, 2013a, 2013b).

Para Spink (2013b) os documentos de domínio público assumem formas diferentes: arquivos diversos, diários oficiais e registros, jornais e revistas, anúncios, publicidade, manuais de instrução e relatórios anuais etc. Tais práticas discursivas são “produtos em tempo e componentes significativos do cotidiano; complementam, completam e competem com a narrativa e a memória” (SPINK, 2013b, p. 103).

Adotamos a análise de práticas discursivas como referencial teórico-analítico, pelo foco na linguagem em uso, sendo a mesma “tomada como prática social e isso implica trabalhar a interface entre os aspectos performáticos da linguagem (quando, em que condições, com que intenção, de que modo) e as condições de produção (entendidas aqui tanto como contexto social e interacional, quanto no sentido foucaultiano de construções históricas).” (SPINK, 2010a, p. 26).

A pesquisa se justifica pelo silenciamento da memória da Beata Maria de Araújo na construção histórica e religiosa de Juazeiro do Norte. Esse fato é revelado nos estudos clássicos sobre o tema, mas também em publicações recentes. Em uma consulta na *Scientific Electronic Library Online - SciELO*, em 3 de maio de 2023, pelo termo de busca: “Beata Maria de Araújo”, não se encontraram resultados. Já pelo termo “Padre Cícero”, encontraram-se seis artigos. Essa escassez de estudos sobre a Beata Maria de Araújo se complexifica pelo

fato das pesquisas sobre ela pouco se voltarem a problematizações de gênero, classe e raça – marcadores sociais da diferença elementares à compreensão do fenômeno de apagamento dessa personagem nos sentidos produzidos em torno do “milagre da hóstia”.

## 2. Uma santa invisibilizada pelo patriarcado e racismo

### 2.1 O milagre a hóstia e a memória da Beata Maria de Araújo

Desde a década de 1970, a influência de Padre Cícero Romão Batista na constituição de Juazeiro do Norte ganhou repercussão acadêmica no campo das ciências sociais. Obras clássicas na análise histórica e social do nascimento da “Terra Santa”, como “Milagre em Joazeiro” (1976), do historiador Ralph Della Cava; “Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus” (1988), da antropóloga Luitgarde; “Padre Cícero: Do Milagre a Farsa do Julgamento” (1998), de Fatima Menezes; além das obras, “O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero” (2014) e “O Verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos” (1995) do historiador Francisco Régis Lopes Ramos, centram atenção na figura patriarcal do Padre Cícero na formação do território sagrado.

No entanto, novas vertentes dessas narrativas têm ganhado espaço na contestação do protagonismo do sacerdote como peça angular na construção de Juazeiro do Norte sob o signo do sagrado. Estudos como os de Edianne dos Santos Nobre, em “O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898)” (2010) e os de Maria do Carmo Pagan Forti em, “Maria do Juazeiro a Beata do Milagre” (1999), permitem pensar os papéis femininos na fabricação do sagrado e, no caso de Juazeiro do Norte, os papéis das beatas, em especial da Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (Maria de Araújo). Essa religiosa foi uma mulher, negra, sertaneja e analfabeta, através da qual se manifestou o fenômeno da transubstanciação<sup>4</sup>. Conforme Olinda e Kirchner (2020, p. 303):

Maria de Araújo nasceu em 24 de maio de 1863 e faleceu em 17 de janeiro de 1914. Era analfabeta e de uma família muito pobre, descendente de índios e de negros. De acordo com a “exposição circunstanciada” escrita pelo Padre Cícero, em julho de 1891, e anexada ao processo instruído sobre os “factos de Joazeiro” e com as narrativas da própria beata no referido inquérito, sabe-se que, aos 9 anos de idade, quando fez a primeira comunhão, consagrou-se a Jesus Cristo. A partir daí, viveu uma vida de piedade e aprofundou suas experiências místicas, chegando a experimentar a celebração de um consórcio espiritual com seu divino redentor.

<sup>4</sup> Conforme o parágrafo 1376 do Catecismo da Igreja Católica, a transubstanciação consiste em um fenômeno místico ocasionado: “[...] pela consagração do pão e do vinho [através da qual] opera-se a mudança de toda a substância do pão na substância do Corpo de Cristo Nosso Senhor e de toda a substância do vinho na substância do seu sangue” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 308).

Para entender os sentidos, assim como o seu silenciamento, conferidos ao feminino e à Beata Maria de Araújo no milagre da hóstia, faz-se necessário olharmos para a própria constituição do sagrado no processo de formação do território de Juazeiro do Norte. Há uma indissociabilidade entre Juazeiro do Norte e a figura do Padre Cícero no campo das ciências humanas e sociais que é reforçada não apenas em estudos sobre a história do território, como também nas investigações que atravessam o campo econômico e político do espaço (DELLA CAVA, 1976; CAMURÇA, 2012; FACÓ, 1961, 1976). Esses discursos, não apenas no campo científico, mas ainda político e posteriormente (com a “reconciliação”) religioso tornou-se um dos principais elementos nos usos e apropriações que vêm se fazendo dos ritos e manifestações na racionalização do “sagrado” atrelado ao mito do Padre Cícero, do Patriarca, o pai, o fundador.

Cabe-se destacar que o contexto histórico em que emergem os fenômenos místicos de Juazeiro do Norte é demarcado por acontecimentos recentes na memória coletiva do período, como a escravidão, abolida a menos de um ano antes das primeiras manifestações do milagre da hóstia, e a própria Proclamação da República no final do ano de 1889. Nesse sentido, o campo público foi atravessado por disputas políticas, sociais e ideológicas em que a Igreja Católica insistiu em consolidar um catolicismo “romanizado”, utilizando-se do modelo europeu (DELLA CAVA, 1976; FORTI, 1999).

Nesse cenário é possível apontar que a abolição da escravatura não foi acompanhada de mudanças significativas para as pessoas negras. No caso de Juazeiro do Norte, isso fica evidente ao analisarmos o tratamento dispensado a Beata Maria de Araújo. Atentando para o fato de que a própria Igreja Católica esteve comprometida por muito tempo com a defesa da escravidão (FACÓ, 1976). Dessa forma, não foi possível defender mudanças nas mentalidades com a abolição da escravatura.

Considerando o exposto, o modelo europeu de catolicismo jamais toleraria a figura de uma mulher negra e analfabeta no centro de acontecimentos religiosos (fenômenos místicos). Nesse sentido, Maria de Araújo foi imediatamente desumanizada e deslegitimada, deixando evidente que seria inadmissível uma mulher negra representar a intermediação entre o divino e o terreno (FORTI, 1999).

Na gênese desse processo se populariza, inclusive entre os devotos, a imagem daquele que seria responsável por conduzir o povo do sertão à redenção. A narrativa do motivo que leva o Padre Cícero Romão Batista, recém ordenado no Seminário da Prainha (Fortaleza-CE), a se estabelecer no pequeno vilarejo em 1872, apresentara-se a partir da dimensão profética. A

decisão de permanecer na localidade se deu após o Padre ter um “sonho” ou “visão” com os 12 apóstolos e Cristo (BARROS, 1988; DELLA CAVA, 1976; RAMOS, 2014).

[...] Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, atravessou, pesadamente, o pátio da capela, em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Ai, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono, e a visão fatal se revelou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a “Última Ceia” de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes os vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. [...] No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus Apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parques pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recintos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço para salvar o mundo”, mas, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”. (DELLA CAVA, 1976, p. 24).

Através do próprio relato, reproduzido pelos pesquisadores há décadas, o Padre fixa-se a partir da dimensão do “divino” e da “profética”, pois aquela já era a “terra prometida” e de “salvação” e, o Padre Cícero, o “pastor” que conduziria o seu rebanho à redenção. Tais dimensões alcançaram proporções maiores em 1889. Nesse momento, o pequeno povoado de Juazeiro do Norte ganhou projeção não apenas no Vale do Cariri, mas ainda no Nordeste e no Brasil (BARROS, 1988; DELLA CAVA, 1976; FACÓ, 1976). No contexto de estiagem prolongada que assolava a região cearense – a seca que se prolongou entre os anos de 1888 até 1889 – o sertanejo voltou-se ao sacro em busca do consolo divino.

No dia 1 de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de “Joaseiro” (*sic*) para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a Comunhão Eucarística (hóstia consagrada). De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltando a ocorrer diariamente (DELLA CAVA, 1976, p. 40).

O Milagre da Hóstia assinala o início da constituição de Juazeiro como “Cidade Santa”, que terá como figura central, no campo do discurso, “um santo Patriarca”, padrinho dos necessitados (DELLA CAVA, 1976, p. 122). Enquanto “fato fundador” da cidade, o

fenômeno se espalhou rapidamente pelo interior, dotando o espaço e o próprio padre de uma dimensão sagrada que fugia do controle da Diocese de Crato (BARROS, 1988; DELLA CAVA, 1976; FORTI, 1999; RAMOS, 2014).

Tal fenômeno irrompe atravessado de tensões e conflitos, assim como transformações significativas nos campos religioso, urbano-territorial, econômico e político. Na seara religiosa, a Igreja Católica tentava romanizar o catolicismo brasileiro, conseqüentemente, os movimentos de romarias e os devotos de Juazeiro foram considerados, logo de início, como “fanáticos ignorantes”, que inventaram crenças sem fundamentação na doutrina católica, pois apenas a instituição poderia definir os limites da sacralidade, essa era uma função exclusiva de profissionais qualificados (RAMOS, 2014).

O processo de romanização do catolicismo torna-se um dos elementos chaves para compreender os conflitos travados entre a Igreja Católica e o Padre Cícero, bem como o silêncio imposto às beatas (em especial à Maria de Araújo, a qual foi afastada de Juazeiro do Norte após os fatos). A romanização do catolicismo brasileiro orientava-se pela necessidade e urgência em reformar os costumes, delegando ao “funcionário especializado e competente” a manipulação do sagrado (RAMOS, 2014, p. 43). Com efeito, direcionava-se pelo abandono do catolicismo devocional/popular, do culto aos santos, impondo a adoção de um catolicismo que privilegiasse os sacramentos, assim como o acolhimento aos “novos santos europeus para que, conforme o espírito tridentino, a religião popular fosse purificada” (FORTI, 1999, p.61).

No Vale do Cariri, o catolicismo devocional e a distância que a Igreja mantinha em relação à maioria da população era uma realidade latente. A dimensão do devocional, das rezas, da ladainha, dos benditos, das festas, tornaram-se parte do ritmo da vida: “[...] nascimento, morte, doença, casamento, seca, inverno, plantação, colheita, situações cotidianas que remetem à presença de Deus, do sagrado, do maravilhoso na história de cada dia” (FORTI, 1999, p. 61).

Era hábito por esses indivíduos realizarem promessas “aos santos na esperança de obter saúde, felicidade, fortuna, entre os trabalhadores rurais, o plantio era precedido de preces, numa tentativa de afastar os maus espíritos” (DELLA CAVA, 1976, p. 27-28). Assim, tornou-se comum o surgimento de figuras que congregavam o papel e as funções negligenciadas pela Igreja, principalmente no aporte espiritual, os beatos. Figuras como o Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e José Lourenço vão se destacando em diferentes momentos na trajetória do povo sertanejo (FACÓ, 1976; FORTI, 1999).

Nessa conjuntura, em 1854 foi criada por Roma a diocese do Ceará, jurisdição eclesiástica que correspondia aos limites geográficos da província imperial, mas somente em

1861 foi nomeado o primeiro bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos. A diocese do Ceará nesse período encontrava-se em péssimo estado, com uma população estimada em 720 mil habitantes, possuía somente 33 padres, sendo que dois terços tinham “famílias constituídas”, o que refletia no baixo prestígio desses entre os leigos (DELLA CAVA, 1976).

Com objetivo de “restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé e remodelar o clero, tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica” à exemplo da Europa que se fazia então estandarte, Dom Luís traçou objetivos de uma política básica para a nova diocese (DELLA CAVA, 1976, p. 31-32). Pretendeu-se, assim, instaurar “uma nova era na qual a Igreja e o seu clero” substituíram o “catolicismo colonial” do Brasil pelo “catolicismo universalista” de Roma, objetivando fortalecer o poder de mando do corpo eclesiástico, com mais rigidez hierárquica, moral e doutrinária (BARROS,1988; DELLA CAVA, 1976, FORTI, 1999; RAMOS, 2014).

Essa política foi sustentada pela romanização que pretendia a recolocação dos fiéis sob o poder do clero, suprimindo a autonomia e gestão sobre eventos, atividades, ou acontecimentos religiosos do catolicismo devocional. Além disso, essa política tentou restabelecer o prestígio eclesial e insistiu na importância dos sacramentos – especialmente, a comunhão e a confissão – como estratégias para manter o comando e o controle do clero. Assim, a Igreja visou preservar a ortodoxia da fé, garantindo à igreja o seu *status* de decidir sobre a vida e morte das pessoas (BARROS, 1988; FORTI, 1999; RAMOS, 2014).

Entre as primeiras ações de Dom Luís no sentido de romanizar o catolicismo na província se encontra a fundação do Seminário da Prainha, em que fora ordenado o Padre Cícero Romão Batista em 1870. Nesse sentido, é possível constatar que a formação do padre se delineou no contexto de romanização do catolicismo brasileiro. Entretanto, os acontecimentos de Juazeiro em 1889 vão na contramão da romanização.

O fato mais marcante dessa contraposição é a manifestação do divino através de um leigo, e pior ainda, uma leiga, a Beata Maria de Araújo. Mulher, negra, pobre e analfabeta, a costureira Maria de Araújo é a personagem emblemática e significativa desse fenômeno conhecido como o “milagre da hóstia”. Foi através da Beata Maria de Araújo que se manifestou a transubstanciação da hóstia em sangue, entre 1889 até o final de 1891.

Proclamada “santa” pelos devotos/romeiros crentes no milagre, ainda em vida, as narrativas em torno dessa figura acabam sendo preteridas frente às funções que o Padre Cícero exercera. Ao contrário do padre, o esquecimento e silenciamento desta ocorre ainda no início dos conflitos entre a hierarquia da Igreja e o movimento do devocionismo popular de

Juazeiro do Norte. Dessa forma, Maria de Araújo foi creditada à condição, inicialmente, de enferma e, posteriormente, de embusteira, principalmente por Dom Joaquim, que acreditava ser a beata uma das responsáveis pela “farsa” (DELLA CAVA, 1976; FORTI, 1999).

Ao tomar conhecimento do fenômeno ocorrido no vilarejo de “Joaseiro”, a hierarquia da Igreja, representada na província do Ceará por Dom Joaquim, tratou de retratar os acontecimentos. A partir desse momento, a Beata Maria de Araújo passou a ser tratada, inicialmente, como uma mulher enferma. Mesmo o Padre Cícero descrevendo em relatório ocorrido após dez meses da primeira manifestação em que a hóstia tinha se transubstanciado no Sangue de Cristo e, como testemunha, Dom Joaquim proibiu tanto o Padre Cícero quanto outros padres de “qualificar como milagrosos” os “fatos extraordinários” ocorridos, como também ordenou a não tornar pública a adoração dos panos do altar manchados de sangue.

Foi enviada uma Comissão Episcopal de Inquérito, selecionada pelo próprio bispo, para elaboração de novos relatórios. Formada por Padre Clycério da Costa Lobo e pelo Padre Francisco Ferreira Antero, a Comissão chegou ao Juazeiro em setembro de 1891 e, após um pouco mais de um mês, confirmou em relatório os “milagres do Joaseiro” como sendo de origem divina, o que atizou ainda mais a ira do bispo. Nesse momento, “a questão do Joaseiro”, conforme Della Cava (1976, p.56) e Forti (1999, p. 78), reflete na constituição de uma “Igreja dentro da Igreja”.

O segundo inquérito foi empreendido pelo então vigário de Quixadá, Pe. Alexandrino, assumindo ainda o lugar de vigário do Crato. O inquérito de Pe. Alexandrino foi um dos responsáveis por retratar a Beata Maria de Araújo como embusteira, doente, histérica e que as “coisas do Joaseiro eram falácias” (FORTI, 1999, p. 50). No entanto, o bispo preferiu acreditar que o Padre Cícero não seria capaz de qualquer embuste e, assim, atribuiu a culpa inicialmente a Maria de Araújo e depois a José Marrocos (DELLA CAVA, 1976; RAMOS, 2014; FORTI, 1999). Os trabalhos da segunda comissão foram iniciados em 1892. A Beata Maria de Araújo acabou recebendo castigo mais rigoroso, sendo considerada pela Igreja oficial – do Ceará e de Roma – com uma embusteira, mentora de uma farsa, arquiteta de “um truque vulgar”, merecendo assim, desclassificação social e religiosa digna de uma grande pecadora (FORTI, 1999; NOBRE, 2010).

De acordo com Souto (2019, n.p.):

Após várias visões, profecias, estigmas e por fim consagrar uma hóstia em sangue, a vida da Beata Maria (Magdalena) de Araújo nunca mais seria a mesma, sofrendo atribulações até depois de sua morte. Em vida, a Beata sofreu **perseguições, calúnias, foi examinada, investigada, execrada publicamente e por fim enclausurada**. A Igreja forçou-a de todas as formas a negar a existência do milagre da hóstia, mas ela se manteve irredutível, impávida, pois os probos nada tem a

temer. Recebeu o **castigo eclesiástico do silêncio perpétuo**, morreu sem falar nada (grifo nosso).

No entanto, estudos defendem que a figura central do milagre da hóstia foi a Beata Maria de Araújo, mas o fato de ser uma mulher, negra, analfabeta e pobre foram determinantes para que a Igreja atuasse no processo de apagá-la como sujeito dos fenômenos (DINIZ, 2021; FORTI, 1999; NOBRE, 2010). Nesse sentido, Forti (1999, p. 35) observa que “Maria de Araújo foi registrada nos documentos oficiais porque perturbou a ordem estabelecida e desempenhou um papel que não lhe foi atribuído nem pela sociedade e muito menos pela Igreja”.

A forma em que foi retratada por membros da Igreja foi extremamente violenta e racista, um desses relatos foi elaborado por Pe. Alencar Peixoto, que conheceu a beata e a definiu como “[..] um produto do cruzamento de duas raças desprezíveis (negra e índia) dando, portanto, uma hibridez horrível, uma monstruosidade feita mulher [...]. E uma alma soberanamente execrável” (FORTI, 1999, p. 38-39).

Submetida a inquéritos e julgamentos, Maria de Araújo foi penalizada ainda em vida ao ser afastada da sua família e enclausurada na Casa de Caridade do Crato. Além disso, foi descrita inicialmente como enferma, delirante e, posteriormente, como embusteira. Nem mesmo o último adjetivo lhe concederam inicialmente, considerando-se que o “embuste” foi delegado, pela Igreja, a José Marrocos. Assim, Maria de Araújo não teria “capacidade” intelectual para ser a mentora da “arquitetura da farsa” relativa ao fenômeno místico. Isso reflete não apenas a dimensão patriarcal, mas racista em que se inseriu o fenômeno místico do Milagre da Hóstia: por ser mulher não teria capacidade e/ou inteligência suficiente para elaborar a “farsa”; por ser negra não representaria o arquétipo ideal de “santa”, do elo entre o divino/sagrado e o terreno. Nessa sociedade, Maria de Araújo não poderia ser sujeito histórico:

Maria de Araújo faz parte daqueles “sem-lugar”, “sem-poder”, dos leigos, ou ainda mais, de acordo com o Código de Direito Canônico vigente na época, abaixo dos leigos, pois era mulher. Ou ainda mais: abaixo do *status* de mulher, pois era negra: “raça infecta” pelas Constituições do Arcebispado da Bahia. E podemos ir mais longe na desqualificação social de Maria de Araújo: era analfabeta. Ela, portanto, fazia parte daqueles que não constroem a história, não constroem a civilização (FORTI, 1999, p. 100).

Sustentados em tais preconceitos, violências e elitismos foi que Maria de Araújo tornou-se um incômodo para a Igreja, a ponto dessa instituição atuar de diversas formas para extirpar os vestígios materiais de sua memória, como o roubo dos seus restos mortais e a depredação de seu busto por vândalos em praça pública. Esse processo corrobora com a tese

das autoras de que Maria de Araújo foi sendo apagada da história como aquela que fez o milagre, a protagonista dos fenômenos que possibilitou Juazeiro se tornar conhecido em todo o Nordeste, em todo o Brasil e até no exterior (DINIZ, 2021; FORTI, 1999; NOBRE, 2010).

Sobre a morte e usurpação de seu corpo, Souto (2019, n.p.) – que realiza inclusive o exame dos registros do atestado de óbito da Beata – detalha:

Sua morte, ocorrida em 17 de janeiro de 1914 [...] não foi suficiente para extinguir a cólera despertada nos corações dos ímpios, muitos deles de batina e solidéu. O Padre Cícero [...] organizou um enterro digno, sepultando seus restos mortais dentro da Capela do Socorro. Desejava ele que a Beata Maria de Araújo repousasse eternamente num local sagrado, algo que infelizmente não durou muito tempo. Em 22 de outubro de 1930, o túmulo da Beata foi completamente destruído, possivelmente por ordem do Bispo de Crato, seus restos mortais foram sepultados em local até hoje ignorado. Quando eu achei que todos os tipos de torpezas já tinham sido cometidos [...] descobri no Livro de Óbito n° 28, página 77, da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, em Crato, que constam apenas três linhas [...] descrevendo a morte de Maria de Araújo.

O elitismo, o racismo e o patriarcalismo sustentaram e refletiram no silenciamento de Maria de Araújo, reforçado através de violências simbólicas (bestialização da sua imagem) em que o discurso da igreja tratou não apenas de deslegitimar e apagar a figura da religiosa, como afastá-la fisicamente dos acontecimentos do vilarejo, inicialmente a internando na casa de caridade do Crato e, posteriormente, negligenciando o roubo dos seus restos mortais (FORTI, 1999; NOBRE, 2010).

## **2.2 Repercussões políticas em torno da Beata Maria de Araújo**

Através das consultas ao portal eletrônico da Câmara de Vereadores de Juazeiro do Norte, bem como da Assembleia Legislativa do Ceará, encontraram-se quatro leis e duas resoluções municipais, além de uma lei estadual, que citam diretamente a Beata Maria de Araújo. O conteúdo dos textos legais transita entre aspectos marcadamente relacionados à memória social em torno da religiosa até o uso do seu nome para fins simbólicos secundários.

A lei municipal n° 2.356, de 1 de março de 1999, primeira da legislação ordinária municipal que faz alusão direta à Beata Maria de Araújo, foi sancionada em 1999 pelo Prefeito José Mauro Castelo Branco Sampaio. Essa lei denomina como Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, o prédio dedicado ao funcionamento do Polo de Atendimento à Criança e ao Adolescente do município.

Apesar de pioneira e tardia, essa lei denota aspectos interessantes e incipientes sobre o lugar da Beata na construção da memória histórica do território. Olinda e Kirchner (2020) apontam que, o contexto sociopolítico em que ocorreu o milagre de Juazeiro do Norte era

marcado pelo coronelismo e fortes opressões machistas e racistas. A dificuldade por parte da Igreja Católica Apostólica Romana em aceitar as visões e demais fenômenos místicos protagonizados pela Beata, se justifica pelo fato dessa religiosa reunir características fenotípicas e sociais (mulher, pobre, negra, analfabeta e sertaneja) reprovadas pelo pensamento classista, racista e androcêntrico que imperava nessa instituição e período.

Em virtude disso, Olinda e Cordeiro (2018) afirmam que há uma histórica invisibilização da Beata Maria de Araújo nos fluxos interpretativos e visões sobre santidade que envolvem o milagre da hóstia em Juazeiro do Norte. Não obstante, apesar das represálias eclesiais ao Padre Cícero (finalizada em 1916 com o decreto da Santa Sé em prol da sua excomunhão, apesar de Dom Quintino não ter concretizado tal fato), a repressão à Beata se deu inicialmente com o seu enclausuramento como uma forma de silenciar as repercussões do fenômeno místico (OLINDA; CORDEIRO, 2018), algo protagonizado pela atuação do Padre Alexandrino e do Bispo Dom Joaquim (DINIZ, 2021), culminando na violação do seu túmulo e sumiço dos seus restos mortais em 1930 durante uma reforma na Capela do Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte (PAZ, 2014; NOBRE, 2011).

Na figura 1 se observam duas placas presentes no Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte, as quais foram construídas em homenagem à Beata Maria de Araújo. A primeira obra, “Jazido de Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo”, foi ofertada pela Câmara de Vereadores, Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, Instituto Cultural do Vale do Cariri, Universidade Regional do Cariri e Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em 1991 (isto é, antes da primeira lei em 1999). Já a segunda placa, homenagem em alusão ao centenário da morte da religiosa, foi oferecida pelo então Prefeito Municipal, Raimundo Macêdo em 2014.

Figura 1: Placas em alusão ao corpo da Beata Maria de Araújo, em Juazeiro do Norte



Fonte: Autoria própria, 2023.

Diniz (2021) destaca que, apesar dos sistemáticos e institucionalizados fluxos discursivos que tencionaram o silenciamento da Beata Maria de Araújo em relação ao milagre, ressurgiu na atualidade, após quase noventa anos, movimentos religiosos e acadêmicos que fomentam e reconstróem a memória em relação à religiosa ora tratada. Reflexo disso é que, desde a sua morte em 1914 (supostamente vítima de câncer), apenas em 2018 se iniciou a comercialização das imagens da religiosa e o seu uso para fins políticos (DINIZ, 2021). Assim, a proposição e aprovação de leis que citam a Beata, a partir de 1999 no município, são indicadores desse fenômeno.

A resolução n° 490, de 7 de abril de 2009 criou a Comenda Beata Maria de Araújo como instrumento de reconhecimento do poder legislativo municipal do trabalho realizado por mulheres, vivas ou *in memoriam*, residentes no município. Esse documento expressa que a celebração de entrega das comendas deve ser realizada no Dia Internacional da Mulher. Não obstante, a resolução n° 1157, de 9 de junho de 2022, concede a comenda Beata Maria de Araújo à cidadã Symone Costa de Lima.

A atuação religiosa da Beata se deu em uma conjuntura territorial sertaneja em que às mulheres competiam apenas o espaço privado e o atendimento às expectativas sociais em relação à devoção piedosa e à dedicação à família (OLINDA; KIRCHNER, 2020). Ademais,

o apagamento histórico e religioso da Beata exorta para o fato percebido por Diniz (2021) de que a discussão de gênero se mostra salutar porque Maria de Araújo foi silenciada historicamente e relegada ao claustro ainda em vida. Por outro lado, o Padre Cícero construiu uma carreira política, emancipou o vilarejo de “Joaseiro” (*sic*) e, mesmo com a resistência da Igreja, após sua morte foi elevado aos altares do catolicismo popular e tornou-se ícone político do município, construindo um patriarcado público local (Cf. BIROLI, 2018).

Castro (2007) aponta que as desigualdades de gênero são empregadas para criar e reproduzir a falsa naturalização da pertença da mulher à vida privada e do homem à pública. No caso em análise, a Beata se dedicava à costura, atividades domésticas e à oração, ao passo que, o Padre Cícero ascendeu à vida política como um líder carismático. Diante disso, apesar dos dissensos sobre gênero (FRANZONI, 2008), Castro (2007) destaca que o marcador gênero consiste na busca por historicidades de estereótipos, símbolos produtores de assimetrias, além de interesses que atualizam relações de subordinação.

Logo, Biroli (2018) compreende que se faz necessário contemplar a divisão sexual do trabalho porque sem essa perspectiva não se é possível compreender as desigualdades assentes no gênero, raça e classe, pois essa divisão produz identidades, vantagens e desvantagens nas relações de poder. Portanto, Biroli (2018, p. 23) acentua que:

[...] a divisão sexual do trabalho é um lócus importante da produção do gênero. O fato de ela não incidir igualmente sobre todas as mulheres implica que a produção do gênero que assim se dá é racializada e atende a uma dinâmica de classe.

A lei n° 4262, de 21 de novembro de 2013, sancionada pelo Pref. Raimundo Macêdo, nomeia a praça localizada em frente à igreja Matriz Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores como Praça Beata Maria de Araújo, no centro de Juazeiro do Norte. Em relação à legislação estadual, a única lei que menciona diretamente a religiosa ora tratada é a lei n° 17.532, de 18 de junho de 2021, sancionada pelo governador Camilo Santana, a qual nomeia como Beata Maria de Araújo a estação Horto do teleférico de Juazeiro do Norte. Diante do exposto, contempla-se que a espacialidade de Juazeiro do Norte se vincula diretamente ao devocionismo popular iniciado desde 1889 a partir do milagre da hóstia (DINIZ, 2021).

A influência da religião e religiosidade no desenvolvimento sociodemográfico e espacial de Juazeiro do Norte, sobretudo, a partir do fenômeno das romarias, é um fato evidente e já discutido na academia (TORRES; NASCIMENTO, 2021; CORDEIRO FILHO, 2020). Sobre a relação entre religião e território, Cymbalista (2006; 2010) reflete que, elementos como narrativas cristãs sobre os mártires e o emprego de relíquias sagradas dos

santos da Igreja foram empregados para a construção colonial do território da América portuguesa. Isso demonstra a relação entre a edificação do espaço construído em relação a elementos imateriais, tal como a religião.

Nesse sentido, pensar o espaço urbano de Juazeiro do Norte implica conceber que a sua gênese se deu em torno da Capela dedicada à Nossa Senhora das Dores (CORDEIRO, 2010). Ademais, Paz (2014) salienta que, na atualidade, o roteiro da fé do município compreende espaços sagrados cujas identidades são marcantes para o fenômeno das romarias e para os(as) romeiros(as). Esses locais são, principalmente: 1) Igreja matriz de Nossa Senhora das Dores; 2) Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Cemitério do Socorro); 3) Colina do Horto (onde se encontra a estátua do Padre Cícero).

Notoriamente, os espaços religiosos em Juazeiro do Norte exaltam a imagem do Padre Cícero, ao passo que, a da Beata Maria de Araújo ainda ocupa um lugar secundário. Além da representação da religiosa no museu do Horto, inaugurou-se em 2023 na Praça Padre Cícero (centro da cidade), por idealização de Aluízio Neri Filho e trabalho artístico de Ranilson Viana, um monumento dedicado ao Monsenhor Murilo, Padre Cícero e à Beata Maria de Araújo, assim como se observa na figura 2:

Figura 2: Monumento em homenagem ao Monsenhor Murilo, Padre Cícero e Beata Maria de Araújo



Fonte: A autoria própria, 2023.

Apesar de importante para a construção da memória social em torno da Beata, o monumento em voga possibilita inferências semióticas que indicam os sentidos conferidos à beata na esfera pública de Juazeiro do Norte. A partir de uma perspectiva semiótica, nota-se que o Padre Cícero e o Monsenhor Murilo se encontram próximos, no lado esquerdo do

monumento, em um plano à frente da Beata, a qual apresenta uma posição corporal passiva e se localiza afastada dos demais, mostrando servidão diante da autoridade dos sacerdotes. Sabe-se que, Maria não era freira professa, logo, o uso do hábito negro, cingulo e véu se justifica pela participação dela em uma irmandade de mulheres leigas. Essa foi uma prática fomentada no Cariri pelo Padre Ibiapina, inspirando o Padre Cícero (OLINDA; CORDEIRO, 2018). Apesar de não pertencer a nenhuma ordem religiosa, beatas como Maria de Araújo:

[...] faziam votos de obediência, pobreza e castidade e vestiam hábitos religiosos como os das freiras e além dos votos tradicionais, pautavam sua conduta pela máxima “ora et labora”. Elas representavam a maior evidência de participação social feminina, pois atuavam também na administração das Casas de Caridade do Cariri que serviam de recolhimento para moças e como orfanato para crianças carentes. (NOBRE, 2011, p. 184).

Embora os gestos corporais mostrem recato por parte das três personagens (dois sacerdotes católicos e uma leiga), a piedade de Maria se destaca no sentido conferido à mesma no monumento. Ademais, a colocação da mão da Beata sobre o ventre revela a sexualização do seu corpo de mulher negra, corroborando a função reprodutiva politicamente induzida ao feminino. Portanto, apesar de embasamentos históricos, a distribuição espacial e corporal do monumento denota a construção de sentidos que ainda se assentam no território em relação a marcadores sociais da diferença como gênero e raça.

Carneiro (2003) pontua que, o cruzamento entre gênero e raça na compreensão e luta contra as desigualdades sociais é algo fundamental, considerando-se que as mulheres negras ocupam a base da pirâmide do *status* de gênero conferido pela sexualização e racialização dos corpos. Assim, Carneiro (2003) denuncia que, historicamente, as mulheres negras sofrem racismo e machismo mesmo no seio dos movimentos negro e feminista, já Figueiredo (2018) evidencia que as mulheres negras provam constantemente o dessabor das políticas racistas e machistas por parte do Estado. Essas circunstâncias politicamente induzidas levaram mulheres negras a se mobilizarem politicamente em torno das categorias raça e gênero, culminando na contraposição à construção sexualizada da mulher mulata e na denúncia da inexistência de uma democracia racial no Brasil (FIGUEIREDO, 2015).

Após cinco anos, a lei n° 4.866, de 30 de maio de 2018, sancionada pelo Pref. Arnon Bezerra, instituiu o dia 01 de março como a data cívica e festiva alusiva ao Milagre da Cidade de Juazeiro do Norte. No corpo do texto legal se conhece a participação da Beata Maria de Araújo no fenômeno místico de transformação da hóstia em sangue quando a mesma foi entregue pelo Pe. Cícero à religiosa em questão.

Até então, as normas municipais citavam a Beata Maria de Araújo como um símbolo secundário, não havendo uma exaltação da sua imagem e memória próprias. Contudo, essa realidade se altera minimamente com a lei n° 5142, de 13 de abril de 2021, a qual obriga as repartições públicas municipais a utilizarem quadros com a foto da Beata Maria de Araújo ao lado e nas mesmas dimensões das já existentes fotografias do Pe. Cícero.

Essa lei promove, mesmo que de forma incipiente, uma reparação histórica à memória da Beata Maria de Araújo, pois a sobreposição da figura político-carismática e religiosa do Pe, Cícero se deu à revelia da memória histórica sobre a religiosa (DINIZ, 2021). Olinda e Cordeiro (2018) apontam que, a razão maior para o silenciamento de Maria de Araújo se justifica em virtude do acúmulo de opressões sofridas por ela em vida e após sua morte. Diante disso, o conceito de interseccionalidade se mostra fundamental a essa problemática.

Franzoni (2008) afirma que, a interseccionalidade possibilita compreender as distintas formas de desumanização dos sujeitos em virtude de marcadores sociais da diferença como gênero, raça, etnia, religião, sexualidade, território etc. (HIRANO, 2019). A relação teórica entre marcadores sociais da diferença e interseccionalidade é algo corriqueiro nas pesquisas que inter cruzam categorias como gênero, sexualidade, classe e raça. Investigações desse tipo remontam os anos de 1970, no Brasil se assentam, especialmente, na antropologia e ganham maior visibilidade em estudos que assumem perspectivas construcionistas e antiessencialistas (HIRANO, 2019). No caso em análise, a Beata foi classificada socialmente como trabalhadora (costureira) e analfabeta, sexualmente como mulher, racialmente como negra e territorialmente como sertaneja. Isso influenciou diretamente nas condutas violentas com que foi tratada na repressão às repercussões em torno do Milagre da hóstia.

### **2.3 Sobre a ausência e a presença da Beata Maria de Araújo nos jornais**

Realizou-se, seguindo os procedimentos metodológicos elaborados por Spink (2013a, 2013b) um exame das matérias jornalísticas publicadas e localizadas na busca dos sites Diário do Nordeste e o Povo, dois jornais de grande circulação no estado do Ceará, sobre a Beata Maria de Araújo.

Pesquisando pelos termos “Beata Maria de Araújo” e “Maria de Araújo”, foram encontrados um total de sete resultados, porém, apenas no site do Jornal Diário do Nordeste.

Ainda que não se possa de forma precisa, confirmar se foram apenas estas as matérias publicadas neste veículo de comunicação, entende-se que, de todo modo, estas seriam as resgatadas por meio da busca e que são interessantes fontes de informação sobre as práticas discursivas sobre o caso estudado.

Analisando pelas datas das matérias, a primeira – já indisponível para a leitura – é de 2004. Apenas 14 anos depois há novas publicações localizadas sobre a Beata, sendo uma matéria por ano, em 2018, 2019 e 2020 e três matérias em 2022.

Quadro 1 – Notícias publicadas pela Beata Maria de Araújo no Jornal Diário do Nordeste

Título da matéria	Autoria	Data de publicação
Sem Maria de Araújo, não haveria Padre Cícero	Lira Neto	23 de agosto de 2022
Os oráculos do Cariri que o Brasil não conhece por reparar tanto na Europa	Paulo Henrique Rodrigues	26 de fevereiro de 2022
Maria de Araújo, a beata sem cova	Paulo Henrique Rodrigues	21 de janeiro de 2022
Morre aos 84 anos escritor Raimundo Araújo, primo da beata Maria de Araújo	Antonio Rodrigues	15 de agosto de 2020
Morte da Beata Maria de Araújo completa 105 anos	Antonio Rodrigues	16 de janeiro de 2019
Beata Maria de Araújo ainda é pouco conhecida por romeiros	Antonio Rodrigues	13 de janeiro de 2018
Pela reabilitação da beata Maria de Araújo	Redação	24 de março de 2004

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as) com dados da pesquisa, 2023.

As publicações, apontam – e geram – importantes reflexões sobre o dito milagre que transformou o território e a economia e, mutuamente, os sentidos produzidos sobre Juazeiro e a Região do Cariri de maneira ímpar, detalhar-se-á a seguir alguns destes trechos.

Na Matéria, “Sem Maria de Araújo, não haveria Padre Cícero”, de Lira Neto (2022, n.p), destaca-se o eurocentrismo que até hoje parece ser um dos obstáculos para o reconhecimento do milagre por parte da Igreja Católica:

Os papéis do processo que constam nos arquivos do Vaticano revelam um julgamento eclesialístico eivado de eurocentrismo. “Nosso Senhor Jesus Cristo jamais sairia dos campos da Europa para fazer milagres nos sertões do Brasil”, dizia a frase atribuída ao padre francês Pierre-Auguste Chevalier, então reitor do Seminário da Prainha. [...] Ao passo que outros presumidos milagres eucarísticos ocorridos em território europeu foram devidamente reconhecidos por Roma, o episódio de Juazeiro do Norte ficou classificado como um embuste, uma farsa engendrada por uma “gente ignorante”, “supersticiosa” e “sem instrução”.

Lira Neto, autor da biografia “Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão” (Companhia das letras, 2009) afirma que, naquele momento não estava interessado em investigar a autenticidade do tal “milagre de Juazeiro”. Ele, que não se considera uma pessoa religiosa, dado a acreditar em santos e milagres, mas que, ao longo de sua vida ao investigar a vida de

Padre Cícero e conhecer seus devotos teve suas perspectivas como escritor, pesquisador, jornalista, cidadão e ser humano mudadas.

Na matéria de sua autoria, ele ainda destaca que mesmo diante da abertura do processo de beatificação de Padre Cícero, o reconhecimento da importância e a reparação histórica da Beata seguem sem a devida atenção:

Agora, após o Vaticano ter comunicado oficialmente à diocese do Crato a abertura do processo de beatificação de Padre Cícero, cabe perguntar: quando a Igreja Católica irá se redimir e reabilitar a memória da beata Maria de Araújo? Ela foi a verdadeira protagonista dos supostos milagres de Juazeiro do Norte. Mas, por ser **mulher, negra, sertaneja, lavadeira, pobre e analfabeta**, acabou esquecida e vítima de uma tentativa etnocêntrica de apagamento histórico (LIRA NETO, 2022, n.p)

Lira Neto registra em sua matéria que as marcas – que aqui identificamos como marcadores sociais da diferença (MOUTINHO, 2014) – que o corpo de Maria carregava foram determinantes para o seu apagamento e a negação do milagre, ela era “apenas” uma mulher negra e desnutrida, cuja pobreza e falta de instrução somadas ao contexto da época (e de hoje) não possibilitaram a projeção de seu nome enquanto o do Padre segue em evidência.

Antonio Rodrigues (2019) em “Morte da Beata Maria de Araújo completa 105 anos” salienta pontos da trajetória da vida e óbito da Beata, a quem se reclama o papel de protagonista do milagre e responsável pelas romarias que alimentam – de recursos financeiros e expressões de fé – o Juazeiro:

Após 20 anos enclausurada numa casa, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, a beata Maria de Araújo, morreu no dia 17 de janeiro de 1914, em Juazeiro do Norte. Exatos 105 anos depois, ninguém sabe onde estão seus restos mortais, desde que seu túmulo foi violado e destruído na Capela do Perpétuo Socorro, em 1930. Responsável pelo início das romarias, sua reclusão foi imposição da Igreja Católica para que a mulher e seus supostos milagres fossem esquecidos. Foi nela que a hóstia virou sangue, depois de comungada pelo Padre Cícero, no popular "Milagre de Juazeiro". Os panos manchados foram os primeiros objetos de adoração (n.p)

O movimento pelo resgate e reconhecimento da memória da Beata também são apresentados na matéria de Rodrigues (2019):

Inviabilizada por mais de um século, a história da Beata começou a ser resgatada em janeiro do ano passado, quando, por iniciativa de artistas populares, foi assinado um manifesto em memória de Maria de Araújo [...] (n.p)

Ainda que tenham sido dados passos, Maria de Araújo segue pouco lembrada enquanto a influência de Padre Cícero para o Juazeiro do Norte e o Nordeste seguem vivas na memória dos seus fiéis e nos registros históricos, como sublinha Rodrigues (2019):

Uma praça em frente a Basílica de Nossa Senhora das Dores com um busto erguido é um dos poucos lugares que carrega o nome da beata Maria de Araújo, em Juazeiro do Norte. Além disso, a mulher está presente no nome de uma rua, no bairro João Cabral, como estátua no Museu Vivo do Padre Cícero, no Horto, no vitral e em um jazigo vazio, na Capela do Socorro. Ao contrário do "Padrinho", que tem estátuas de gesso, madeira e até de borracha, por todos os lados, sendo comercializadas, a protagonista do milagre sequer é reconhecida pelos romeiros (n.p)

Já a matéria “Beata Maria de Araújo ainda é pouco conhecida por romeiros” de Antonio Rodrigues (2018) que escutou uma das principais estudiosas da Beata, Edianne Nobre, apontam também o silenciamento que foi provocado à Maria, em vida e morte, ainda pouco (re)conhecida entre os fiéis:

Segundo Edianne, hoje, a beata Maria de Araújo não se tornaria uma santa, porque ela não tem a empatia da população e muitas pessoas sequer a conhecem. "As pessoas são crentes no Padre Cícero e não na beata. Muita gente a confunde com a beata mocinha. A própria Igreja local não reforçou uma história oficial sobre ela. Não é objeto de culto. Não há possibilidade de se tornar uma santa popular, porque não existe devoção a ela". (n.p)

Rodrigues (2018), igualmente, registra a importante iniciativa que ocorre desde o ano da matéria e que tem promovido fluxos de sentidos em torno do nome da Beata:

Pensando em dar mais visibilidade a Maria de Araújo, a Biblioteca Pública Municipal Possidônio da Silva Bem, de Juazeiro do Norte, está realizando, na próxima quarta-feira (17), às 19h, no Memorial Padre Cícero, a 1ª Mostra Poemas para Maria - Beata Maria de Araújo. A Mostra resultou num livreto, que reúne 22 trabalhos de poetas locais. (n.p)

Já na matéria “Maria de Araújo, a beata sem cova”, Paulo Henrique Rodrigues (2022) revela um detalhe importante sobre a história de nossa protagonista:

[...] padre Cícero Romão Batista, chegado à então Vila do Juazeiro, teria encontrado aquela menina que já apresentava talento para coisas de espírito [...] “[...] desde a idade de oito a dez anos, quando a confessei para fazer ela sua primeira comunhão. Notando eu então as melhores disposições daquela menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor; o que ela executou do modo o mais íntimo e perfeito, considerando-se desde aquela data como uma verdadeira esposa de Jesus Cristo”, escreveu o Padim em documento apresentado pela historiadora Fátima Pinho. (n.p).

Rodrigues (2022) também rememora as características físicas e sociais da beata e evidencia a violação de seus restos mortais e o movimento pela sua reabilitação que tem crescido ao longo da última década:

A beata era negra, analfabeta, pobre. Fazia apenas um ano da Lei Áurea. Viva, a beata foi condenada ao silêncio. Morta, teve o túmulo violado. Os restos mortais tiveram destino desconhecido. Mas a beata venceu o esquecimento. Historiadores,

intelectuais, artistas têm lembrado a mulher sem túmulo cuja santidade é dada como certa. (n.p).

As publicações em jornais apresentadas, confirmando o que propõe Spink (2010), registram – e produzem – práticas discursivas, apresentando para o grande público no caso em análise: informações sobre o processo de beatificação que tramita na Igreja, divulgação de estudos acadêmicos sobre o caso, análises sociais sobre as características da Beata – semelhante a boa parte dos(as) romeiros – dados que pela publicação colocam em fluxo, gerando novas produções discursivas sobre o milagre, o Padre e a Beata que de acordo com Daniel Walker, respeitado historiador e estudioso do Cariri, “colocaram o Juazeiro do Norte no Mapa”.

### 3. Conclusões

Este artigo objetivou analisar as práticas discursivas presentes em legislações e notícias relativas à Beata Maria de Araújo, além de tencionar identificar como os marcadores sociais da diferença atuam no apagamento dessa religiosa da memória e historiografia local. Empreendendo uma revisão narrativa da literatura e uma pesquisa em documentos de domínio público (leis ordinárias, resoluções e textos jornalísticos), os dados revelam que embora sejam consideráveis os avanços históricos em torno da construção de uma memória social que reconheça o protagonismo da religiosa na construção histórica e mística de Juazeiro do Norte, os locais simbólicos ocupados por ela ainda estão em planos secundários.

O texto discute o histórico da constituição de Juazeiro do Norte enquanto território sagrado, seio em que se observa uma sobreposição do papel exercido por Padre Cícero à vista do próprio contexto histórico, social e político em que esses sujeitos viviam. Essas narrativas vêm sendo revisitadas e reescritas trazendo à cena novos olhares ao protagonismo de Maria de Araújo, e outras personagens femininas, e as forças que a relegaram ao esquecimento por quase um século e que nos parecem diretamente articulados aos marcadores sociais da diferença, especialmente de gênero, raça e classe. Outrossim, as leis e resoluções indicam que apesar de já se fazer representada em documentos e espaços públicos locais, a Beata ainda é posta em papéis secundários quando é comparada ao patriarca do município.

Portanto, a hipótese deste trabalho foi constatada como procedente, pois embora tenha uma função singular para a história e religiosidade de Juazeiro do Norte, a Beata Maria de Araújo, por reunir características fenotípicas e identitárias marginalizadas, foi levada ao limpo histórico e místico da localidade. Esse processo, como discutido e evidenciado neste artigo, iniciou-se ainda durante a vida da religiosa, quando foi enclausurada. Esse processo se deu,

posteriormente, com a tentativa do seu apagamento histórico por meio da violação e usurpação dos seus restos mortais.

Entretanto, atualmente o contexto territorial de Juazeiro do Norte vivencia insurgências de movimentos religiosos, sociais e acadêmicos, os quais têm provocado e realizado ações públicas em prol da reabilitação da memória da Beata, que convergem para a própria reatualização da imagem e memória histórica do território. Dessa forma, é possível identificar, que mesmo de forma incipiente, as iniciativas em torno da memória dessa personagem já se tornam mais presentes no campo discursivo, teórico e político e ganham materialização física nos espaços da cidade.

Notoriamente, promover uma justiça simbólica à Beata, a qual padeceu em vida e sofreu violações após a sua morte, implica em reconhecer a complexidade que envolve processos históricos, especialmente protagonizados pela Igreja, que tencionaram o seu apagamento. Apesar disso, esforços vêm sendo feitos por distintos agentes no intuito de enaltecer a importância de Maria de Araújo para a construção histórica e religiosa da “Jerusalém Sertaneja”. Para além de uma ótica estritamente religiosa, esse reconhecimento implica na edificação de uma memória social que tem em seu centro personalidades que não se restringem à hegemonia homem-branco-colonial.

### Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus: um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte*. Ed. Alves, 1988.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo*. Bauru-SP: EDUSC, 2008.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Breve história da política de Juazeiro: do processo de autonomia municipal ao protagonismo Regional-Nacional a partir de 1914. In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Padre Cícero Romão Baptista e os fatos em Joazeiro: autonomia político-administrativa*. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012, p. 36- 62.

CAMURÇA, Rodrigo Capistrano. *Formas de resistência: o documentário contemporâneo cearense*. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense. Niterói.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, v. 17, p. 117-133, 2003. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio. 2023.

CASTRO, Mary Garcia. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. *Caderno CRH, [S. l.]*, v. 5, n. 17, 2007. Disponível em:  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18810>. Acesso em: 3 maio. 2023.

CORDEIRO FILHO, Mauro Nunes. *Uma fé sobre rodas: ensaio sobre caminhão Pau de arara, Romarias e Juazeiro do Norte*. Campo Grande: Editora Inovar, 2020.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências Sociais. Fortaleza-CE, 2010.

CYMBALISTA, Renato. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 18, p. 43-82, 2010. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/f5vwMyQVfxdHHLrvGxfrndK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio. 2023.

CYMBALISTA, Renato. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, v. 14, p. 11-50, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/hHgG5FsBL3ry4rThcGNngvCp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio. 2023.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. *“EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte – CE*. 2021. 221 p. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 4. ed. Editora Civilização Brasileira, 1976.

FACÓ, Rui. Juazeiro e o Padre Cícero. *Revista Brasiliense*, n.38, novembro-dezembro de 1961, p.128-124.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 3, p. 152-169, 2015. Disponível em:  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14261>. Acesso em: 03 mai. 2023.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. *Revista Direito e Práxis*, v. 9, p. 1080-1099, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/WFgLzfG77DN7xhh8MLsHMvb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio. 2023.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. Annablume, 1999.

FRANZONI, G. S. C. C. O feminismo e a construção do conceito de gênero. In: *XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras sobre Mulher e Relações de Gênero*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900/pdf%27>. Acesso em: 30 setembro. 2023.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais da diferença: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (Orgs.). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 27-54.

JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

MENESES, Fátima. *Padre Cícero: do milagre à farsa do julgamento*. Recife- PE: Bagaço, 1998.

NOBRE, Edianne dos Santos. *O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898)*. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NOBRE, Edianne dos Santos. “*Eu te darei um coração capaz de me amar*”: Maria de Araújo e o ensaio de uma mística feminina (Juazeiro, Ceará. 1889-1898). *Em Tempo de Histórias*, [S. l.], n. 14, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20019>. Acesso em: 3 maio. 2023.

NOBRE, Edianne dos Santos. O sagrado e a teatralização do mundo: espaços de salvação e purgação nos relatos das beatas do padre Cícero. *Revista de História (São Paulo)*, p. 381-409, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/69204/71655>. Acesso em: 5 maio. 2023.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; KIRCHNER, Renato. Beata Maria de Araújo, a mística de Juazeiro do Norte sob as lentes interseccional e de(s)colonizante. In: OLINDA, Ercília Maria

Braga de; PAZ, Renata Marinho (Orgs.). *Narrativas Autobiográficas e Religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. p. 294-330.

OLINDA, Ercília Maria Braga; CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. A Beata Maria de Araújo nos Simpósios Internacionais sobre o Padre Cícero: traços de uma protagonista invisibilizada. *Reflexão*, v. 43, n. 1, p. 137-153, 2018. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/4171>. Acesso em: 3 maio. 2023.

OLIVEIRA, P. W. A. de. Memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e a sacralização da Serra do Horto, em Juazeiro do Norte – CE. *Revista do Departamento de Geografia, [S. l.]*, v. 41, n. 1, p. e174833, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/174833>. Acesso em: 5 maio. 2023.

PAZ, Renata Marinho. Pelos Caminhos da Fé: uma leitura etnográfica sobre os espaços sagrados em Juazeiro do Norte. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da. *Cultura, Política e Identidades: Ceará em perspectiva*. Fortaleza: IPHAN - CE, 2014. p. 135-156.

PAZ, Renata Marinho; OLINDA, Ercília Braga de. Uma santa saindo da penumbra: Análise das narrativas de professoras do ensino fundamental da rede pública de Juazeiro do Norte (CE) sobre a Beata Maria de Araújo. *Inter-Acao*, v. 44, n. 3, 2019. Disponível em: <https://web.s.ebscohost.com/abstract?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=01017136&AN=141352766&h=f2KkHHjFpwRFliDbH4nmPwTizF%2b82owVELh9sumhy6AvjGSgCqFwAQoA%2fvDup0J9y%2fqaQ1CKVNeibk6m62iYw%3d%3d&crl=c&resultNs=AdminWebAuth&resultLocal=ErrCrlNotAuth&crlhashurl=login.aspx%3fdirect%3dtrue%26profile%3dehost%26scope%3dsite%26authtype%3dcrawler%26jrnl%3d01017136%26AN%3d141352766>. Acesso em: 4 maio. 2023.

PEREIRA, Maria Gorete. Uma análise da participação das mulheres de Juazeiro no fenômeno da romaria de Padre Cícero, considerando o milagre da hóstia que envolve a Beata Maria de Araújo e suas implicações históricas e sociológicas. In: *V Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: EST, 2017. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/795/512>. Acesso em: 4 maio. 2023.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. “*Da casa do santo ao santo da casa: o espaço de devoção em Juazeiro*”. *Trajeto* – Revista de História da UFC, v. 5, n.9/10 (dez.2007). Fortaleza, UFC, 2007.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. 2014.

SOARES, Paulo Cesar Ferreira; DE SOUZA, Gilton Sampaio. O ensino da argumentação articulado à cultura local: O milagre da Beata Maria de Araújo, no Juazeiro do Norte – CE, no ensino de português. *Revista Linguagens & Letramentos*, v. 2, n. 2, p. 54-78, 2017. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/467>. Acesso em: 4 maio. 2023.

SPINK, Peter Kevin. Psicologia Social e políticas públicas: linguagens de ação na era dos direitos. In MARQUES, Eduardo; FARIA, Carlos Aurélio P. de (org.). *A política pública como campo multidisciplinar*. São Paulo: Editora Unesp, 2013a. p. 155-180.

SPINK, Peter Kevin. Análise de Documentos de Domínio Público. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013b. p. 79-105.

TOLOVI, Carlos Alberto; ESTRELA, Eliane Nunes. Ela fez o milagre e ele foi santificado: Maria de Araújo: gênero e relação de poder no colonialismo religioso. *Anais dos Simpósios da ABHR*. São Paulo: ABHR, 2016. Disponível em:  
<https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1334>. Acesso em: 4 maio. 2023.

TORRES, Geovane Gesteira Sales; NASCIMENTO, Diego Coelho do. Doações de Terras Públicas e Questões Urbano-Religiosas: Um Estudo de Caso na “Capital Da Fé”- Juazeiro do Norte-CE. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 13, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/urbe/a/C4pTdDwJPvsGnNghv44kCkS/>. Acesso em: 3 maio. 2023.

## **El silenciamiento de la beata María de Araújo en la construcción de significados en torno al milagro de la hostia en Juazeiro do Norte - CE**

### **Resumen**

Esta obra tiene como tema la construcción de significados conferidos a la Beata María de Araújo hoy, debido a su protagonismo en el "milagro de la hostia" en Juazeiro do Norte-CE, en el año 1889. El objetivo es analizar las prácticas discursivas expresadas en leyes y noticias periodísticas sobre la Beata María de Araújo en el contexto actual de Juazeiro do Norte-CE; y identificar cómo operaban los marcadores sociales de diferencia para la eliminación de este personaje en la memoria y la historiografía del territorio. Para este propósito, se adopta una revisión narrativa de la literatura pertinente al campo de los estudios de historia social, así como análisis en documentos de dominio público (legislación municipal y estatal, así como textos periodísticos) sobre los religiosos. Los datos revelan que aunque hay avances históricos considerables en torno a la construcción de una memoria social que reconoce el papel de lo religioso en la construcción histórica y mística de Juazeiro do Norte, los lugares simbólicos ocupados por él todavía están en planos secundarios. Este es un producto histórico de las acciones de agentes como la Iglesia Católica que silenciaron, en vida y después de la muerte, a los religiosos en cuestión. Se entiende que esto se debió especialmente a la intersección de las opresiones experimentadas por los bienaventurados debido a los marcadores sociales de género, raza y diferencia de clase.

Palabras claves: Género; Religión; Catolicismo popular; Santos populares; Marcadores sociales de diferencia.

## **Le silence de la bienheureuse Maria de Araújo dans la construction de significations autour du miracle de l'hostie à Juazeiro do Norte - CE**

### **Résumé**

Cette œuvre a pour thème la construction des significations conférées à la bienheureuse Maria de Araújo aujourd'hui, en raison de son rôle dans le « miracle de l'hostie » à Juazeiro do Norte-CE en 1889. L'objectif est d'analyser les pratiques discursives exprimées dans les lois et les nouvelles des journaux sur la Bienheureuse Maria de Araújo dans le contexte actuel de Juazeiro do Norte-CE; et d'identifier comment les marqueurs sociaux de la différence ont fonctionné pour l'effacement de ce caractère dans la mémoire et l'historiographie du territoire. À cette fin, une revue narrative de la littérature pertinente au domaine des études de l'histoire sociale est adoptée, ainsi que des analyses dans des documents du domaine public (législation municipale et étatique, ainsi que des textes journalistiques) concernant les religieux. Les données révèlent que, bien qu'il y ait des avancées historiques considérables autour de la construction d'une mémoire sociale qui reconnaît le rôle du religieux dans la construction historique et mystique de Juazeiro do Norte, les lieux symboliques occupés par celui-ci sont encore dans des plans secondaires. C'est un produit historique des actions d'agents tels que l'Église catholique qui ont réduit au silence, dans la vie et après la mort, les religieux en question. Il est entendu que cela était surtout dû à l'intersection des oppressions vécues par les bienheureux en raison des marqueurs sociaux de la différence de genre, de race et de classe.

Mots-clés: Genre; Religion; Catholicisme populaire; Saints populaires; Marqueurs sociaux de la différence.

## **The silencing of Blessed Maria de Araújo in the construction of meanings around the miracle of the host in Juazeiro do Norte - CE**

### **Abstract**

This work has as its theme the construction of meanings conferred to Blessed Maria de Araújo today, due to her protagonism in the "miracle of the host" in Juazeiro do Norte-CE, in the year 1889. The objective is to analyze the discursive practices expressed in laws and newspaper news about Blessed Maria de Araújo in the current context of Juazeiro do Norte-CE; and to identify how the social markers of difference operated for the erasure of this character in the memory and historiography of the territory. For this purpose, a narrative review of the literature pertinent to the field of social history studies is adopted, as well as analyses in documents of public domain (municipal and state legislation, as well as journalistic texts) concerning the religious. The data reveal that although there are considerable historical advances around the construction of a social memory that recognizes the role of the religious in the historical and mystical construction of Juazeiro do Norte, the symbolic places occupied by it are still in secondary planes. This is a historical product of the actions of agents such as the

Catholic Church that silenced, in life and after death, the religious in question. It is understood that this was especially due to the intersection of oppressions experienced by the blessed due to the social markers of gender, race and class difference.

Keywords: Gender; Religion; Popular Catholicism; Popular saints; Social markers of difference.